



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

EDUCAÇÃO E AÇÕES AFIRMATIVAS: UM OLHAR SOBRE A PERMANÊNCIA DE ESTUDANTES NEGR@S NA UFRB¹

Dyane Brito Reis²
CFP-UFRB
dyanereis@ufrb.edu.br

RESUMO

As Políticas Afirmativas, recentes em nosso país, têm trazido às Universidades Públicas um maior contingente de estudantes negros, notadamente em cursos de maior demanda social. Para além da inserção no ensino superior, necessário se faz analisar a permanência destes estudantes. Deste modo, este projeto de Pesquisa, em curso no Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CFP/UFRB), tem como principal objetivo analisar como as Políticas Institucionais e as Estratégias Informais de Permanência têm sido elaboradas e/ou incorporadas pela UFRB e qual o significado material e simbólico desta permanência para os estudantes negros. A partir das categorias analíticas de Kant e Lewis, definimos o conceito de permanência como o ato de durar no tempo que deve possibilitar não só a constância do indivíduo, como também a possibilidade de transformação e existência. A permanência deve ter o caráter de existir em constante fazer e, portanto, ser sempre transformação. Metodologicamente, criamos e trabalhamos aqui com os conceitos de permanência material e permanência simbólica. A primeira é caracterizada pelas condições objetivas de existência do estudante na universidade (comer, vestir, comprar material, etc.) e a segunda diz respeito às possibilidades que os estudantes têm de vivenciar a universidade, identificar-se com o grupo dos demais estudantes, ser reconhecido por estes e, portanto, pertencer. Para atender aos objetivos propostos está sendo desenvolvida uma metodologia quali-quantitativa nos cinco centros que compõem a UFRB, quais sejam: Centro de Formação de Professores (CFP); Centro de Ciências da Saúde (CCS); Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas (CCAAB); Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas (CETEC) e Centro de Artes, Humanidade e Letras (CAHL). A identificação e compreensão dos projetos e das práticas de permanência no ensino superior poderão fornecer subsídios a serem utilizados na formulação de políticas públicas, que contribuam para uma permanência qualificada, por um lado, e por outro, possa ampliar as probabilidades de inserção de estudantes negros nos demais campos sociais, oportunizando a mobilidade social.

¹ Projeto financiado pelo PIBIC Ações Afirmativas – PRPPG-UFRB

² Doutora em Educação; Professora Adjunta I do Centro de Formação de Professores – UFRB; Tutora do PET Conexões de Saberes – Projeto Afirmação



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

PALAVRAS CHAVE: Ações Afirmativas; Permanência Material; Permanência Simbólica

INTRODUÇÃO

O ano de 2004 é marcado pela implementação da primeira política pública de ação afirmativa no ensino superior brasileiro. Sob forte pressão dos movimentos sociais negros, o Presidente Lula enviou ao Congresso Nacional, naquele ano, o Projeto que “institui o Sistema Especial de Reserva de Vagas para estudantes egressos de escolas públicas, em especial negros e indígenas, nas instituições públicas federais de educação superior e dá outras providências” (BRASIL, Projeto de Lei nº 3.627, de 20 de maio de 2004). Trata-se das usualmente conhecidas “cotas” nas Universidades Públicas Brasileiras.

Segundo dados do Laboratório de Políticas Públicas da UERJ (2007), atualmente 79 Universidades Públicas adotam algum tipo de inclusão em seu vestibular – segundo dados oficiais (INEP; 2008) o Brasil possui 236 instituições públicas de ensino superior sendo 93 federais, 82 estaduais e 61 municipais - cada uma destas universidades com variados critérios e normas para o processo de inclusão. Aquelas que adotaram o sistema de cotas étnico-raciais somam 54 Instituições, das quais, 34 possuem medidas afirmativas para negros. (FERREIRA; 2007).

Talvez, nenhuma outra política de ação afirmativa tenha gerado tanto debate na sociedade, quanto a política de cotas nas universidades. Advogam alguns autores, que parte do dissenso com relação ao desenvolvimento de políticas particularistas está no uso da categoria raça como critério classificatório, já que vai de encontro aos ideais de democracia racial.(Guimarães; 1997)

Vale ressaltar que o termo ação afirmativa ainda é muito recente e desconhecido para grande parte dos brasileiros, tanto em termos de concepção, quanto em suas múltiplas formas de implementação.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Na Bahia, a Universidade Federal do Recôncavo é pioneira na implementação de uma Pro Reitoria específica para a temática das ações afirmativas, entendendo-as como necessárias ao reconhecimento da pluralidade étnica e cultural da nossa sociedade e do direito destes grupos ao acesso às políticas públicas institucionais, conforme descreve Nacif.

A UFRB assumiu o compromisso de garantir o acesso, a permanência e a pós permanência de estudantes oriundos de escolas públicas que se declaram pretos ou pardos, índio ou descendentes, índios aldeados e remanescentes de quilombos, através da política institucional de ações afirmativas. (2010)

A UFRB nasce com o processo de expansão das universidades públicas brasileiras e já traz em seu nascedouro uma preocupação com as ações afirmativas. Nesta perspectiva a PROPAAE - Pro Reitoria de Políticas Afirmativas e Assuntos Estudantis- atua de forma sistêmica na formulação de políticas e na gestão de recursos e tem como missão a execução de políticas afirmativas e estudantis que garantam aos estudantes as condições básicas para o desenvolvimento de suas potencialidades, tanto no que tange à permanência material quanto à permanência simbólica.

Em nosso entendimento, se as políticas de acesso já estão implementadas, urge uma discussão mais aprofundada sobre a Permanência³, aqui entendida como uma política de ação afirmativa. Este artigo é, portanto, resultado das primeiras incursões teóricas feitas no bojo do **Projeto Educação e Ações Afirmativas**, cujo objetivo é analisar como as Políticas Institucionais e as Estratégias Informais de Permanência têm sido elaboradas e/ou incorporadas pela UFRB e qual o significado material e simbólico desta permanência.

³ Vale salientar que uma discussão sobre permanência já foi realizada em estudo anterior (Santos; 2009) e vem sendo aprofundada neste projeto.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

1- ALGUMAS INCURSÕES EM TORNO DA PERMANÊNCIA

Permanência, em seu significado, carrega um legado filosófico intrinsecamente vinculado ao sentido da essência do ser. O senso comum atribui à permanência uma noção de conservação ou mesmice. Assumimos aqui o risco, ao refletir uma concepção de permanência a partir da idéia de tempo (duração) e transformação, adotando como fundamentação teórica os conceitos de Lewis e Kant.

Na obra “The Plurality of Worlds”, David Lewis (1986) descreve a permanência do seguinte modo:

Uma coisa persiste se e somente se, existe ao longo do tempo, assumindo partes temporais diferentes ou estágios em tempos diferentes, ainda que nenhuma dessas partes esteja completamente presente em mais do que um momento temporal.

Observamos como para Lewis, a persistência [como ele denomina a permanência] está diretamente relacionada ao tempo, ou melhor, “a forma como uma peça dura no tempo”. Está posta aqui a idéia de transformação. O filósofo Kant, também ao falar em permanência a descreve como duração. Para ele o tempo existe de três modos: permanência, sucessão e simultaneidade. Na obra A Crítica da Razão Pura, Kant afirma que a permanência expressa em geral, o tempo como o correlativo constante de toda existência de fenômenos, de toda mudança e de toda simultaneidade. Deste modo, afirma ele:

A mudança que se opera não se refere ao tempo em si, mas só aos fenômenos no tempo (...) a mudança é, pois, um modo de existir que resulta, num outro modo de existir, do mesmo objeto. (1788; p. 91)

De um modo geral, pode-se dizer que a permanência é, pois, duração e transformação; é o ato de durar no tempo, mas sob um outro modo de existência. A permanência traz, portanto, uma concepção de tempo que é cronológica (horas, dias, semestres, anos) e



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

outra que é a de um espaço simbólico que permite o diálogo, a troca de experiências e a transformação de todos e de cada um.

Ao modo Weberiano, definimos um tipo ideal de permanência que traz em seu bojo essas duas idéias (tempo e transformação). Assim sendo, permanência é o ato de durar no tempo que deve possibilitar não só a constância do indivíduo, como também a possibilidade de transformação e existência. A permanência deve ter o caráter de existir em constante fazer e, portanto, ser sempre transformação. Permanecer é estar e ser continuum no fluxo do tempo, (trans)formando pelo diálogo e pelas trocas necessárias e construidoras.

1.1 – A Permanência na Universidade: uma direção, dois sentidos

Para as famílias mais abastadas, ou familiarizadas com o meio acadêmico, a universidade pode representar somente mais uma etapa da vida escolar. Nestes casos o curso superior é dado como algo “certo”, ou pelo menos muito provável. No caso das famílias menos abastadas, e em geral negras, a universidade representa um grande feito, já que no seu imaginário ela estava ausente, distante, “pouco provável”. A entrada de um membro destas famílias no ensino superior e a sua permanência têm dois sentidos: um sentido que é individual e o outro que é grupal, uma vez que ser universitário ou universitária significa a possibilidade de alterações no seu futuro e no meio social em que este indivíduo circula. Sendo assim, a direção da permanência é única para qualquer destas famílias, qual seja, durar até o final do curso, mas para a segunda o sentido é duplo.

Interessa-nos aqui explicitar a permanência na universidade deste segundo grupo, pois é nele que estão inseridos os estudantes ingressos pelo sistema de reserva de vagas. E buscando explorar um pouco mais esta permanência na universidade, identificamos três dimensões, para as quais utilizamos as denominações Kantianas de tempo, sucessão e simultaneidade:

- a) Permanência enquanto duração (tempo) - Esta dimensão está associada à duração do estudante no tempo do curso. Observaremos isso mais cuidadosamente no item permanência material, mas faz-se importante pontuar



que durante o curso o estudante poderá contar com algum tipo de benefício (bolsa de programa de permanência, bolsas de pesquisa ou extensão) e neste caso, ter a oportunidade de manter-se somente estudando e vivenciando a universidade em sua plenitude ou, numa outra situação este estudante poderá permanecer o tempo do curso, mas com pouca participação na vida acadêmica por conta da necessidade de trabalhar para garantir o seu sustento e a própria permanência na Universidade. Ainda nesta dimensão pode haver uma transformação do estudante causada pelos conhecimentos adquiridos ao longo da vida acadêmica, das ambiências, dos círculos de amizade, etc. Vale salientar que no caso do estudante que vive inteiramente a universidade, ou que pelo menos trabalha em sua área de formação, esta transformação é muito mais impactante.

- b) Simultaneidade na permanência – Esta dimensão torna-se muito interessante, à medida em que observamos o papel que não só a política de cotas tem para a entrada destes estudantes na universidade, mas também o papel que estes estudantes passam a desempenhar enquanto referência para outros jovens. Ao ingressar na universidade a trajetória deste jovem passa a ser “reconhecida” na sua comunidade familiar ou de moradia como um “caminho possível” e isto influencia positivamente outros jovens a almejarem o ingresso na Universidade. Há aqui uma simultaneidade da permanência, vez que “eu existo no outro” que também ingressou em um curso superior. Nesta dimensão há uma transformação do indivíduo e também no meio social em que ele circula.

- c) Sucessão ou Pós permanência – Esta última dimensão, diz respeito às possibilidades de permanência em outros graus acadêmicos. Assim, se a dimensão temporal do indivíduo tiver qualidade, ou seja, se ele conseguir concluir o curso podendo viver inteiramente a universidade, existem chances de uma pós permanência através dos cursos de pós-graduação lato sensu, ou de forma mais ampla nos cursos de mestrado e doutorado. Temos plena consciência dos caminhos tortuosos por que passam as seleções de pós-graduação nos Programas das Universidades Brasileiras, sabemos ainda das limitações das



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

linhas de pesquisa, mas entendemos também que uma permanência qualificada do estudante negro na graduação é um passo importante para a sua inserção nos estudos de pós-graduação stricto sensu.

Uma permanência qualificada na Universidade deve levar em conta estas três dimensões, mas, cumpre-nos questionar o que se faz necessário para garantir esta permanência? Obviamente são necessárias condições materiais que permitam a subsistência. É necessário dinheiro para comprar livros, almoçar, lanchar, pagar o transporte, etc. Mas é necessário também o apoio pedagógico, a valorização da auto-estima, os referenciais docentes, etc. Sendo assim, entendemos que a permanência na Universidade é de dois tipos. Uma permanência associada às condições materiais de existência na Universidade, denominada por nós de **Permanência Material** e outra ligada às condições simbólicas de existência na Universidade, a **Permanência Simbólica**. Antes, vale dizer que entendemos por condições simbólicas a possibilidade que os indivíduos têm de identificar-se com o grupo, ser reconhecido e de pertencer a ele.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

2 - A PERMANÊNCIA MATERIAL

(...) somos obrigados a lembrar que o primeiro pressuposto de toda a existência humana e, portanto, de toda a história é que todos os homens devem estar em condições de viver para poder fazer história. Mas para viver, é preciso antes de tudo comer, beber, ter moradia, vestir-se e algumas coisas mais. (MARX e ENGELS, 2007, p. 53)

Segundo Marx e Engels o primeiro fato histórico é a produção dos meios que permitam a satisfação das necessidades primárias. A produção da vida material é, portanto um fato histórico e deve ser cumprida cotidianamente, conquanto é condição essencial da existência. Tal pressuposto é também aplicado à existência na Universidade. Para permanecer estudando, o discente precisa ter condições de comer, de ir à Universidade, de comprar material, enfim são necessárias as condições mínimas de subsistência.

Entendemos que o desafio da Permanência Material do estudante na Universidade – sobretudo na Instituição pública em que as lacunas infra-estruturais obrigam os estudantes a comprarem até mesmo parte dos equipamentos e materiais didáticos e operacionais - é algo que se põe a todo o corpo discente, marcadamente àquele mais pobre, sobretudo, no caso dos cursos em que se requerem a compra de equipamentos de alto custo (Odontologia, Medicina, Direito) além da dedicação exclusiva. Mas o recorte dado nesta pesquisa, busca analisar estas condições entre os estudantes negros e cotistas por entender que estes sofrem uma dupla discriminação (social e racial) e portanto, o desafio para assegurar a sua permanência material e a formação de qualidade (participação em atividades de pesquisa e extensão) é muito maior. Em que pese o fato que o estudante pobre, mas que “não é de cor” só será identificado como cotista se revelar essa condição. Mas no caso do estudante negro (notadamente em cursos de maior prestígio social), este será automaticamente identificado como cotista, mesmo que não o seja. Estes jovens quando chegam às universidades experimentam esse ambiente de forma similar no que diz respeito à sua permanência material e de forma diferenciada no que diz respeito à permanência simbólica.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Os jovens negros das classes populares ao passar no vestibular e, portanto antes mesmo do ingresso, já se preocupam com as despesas durante a vida universitária - e em muitos casos essa preocupação ocupa a vida das suas famílias.

Na busca por condições de permanecer materialmente na Universidade, alguns estudantes podem também, abrir mão de vivenciar a universidade em sua plenitude para poder trabalhar e essa escolha tem impactos na permanência simbólica, já que repercute de forma distinta sobre o desempenho e sobre a vida acadêmica. Aqueles envolvidos em atividades que lhe consomem grande parte do tempo e que não mantêm qualquer ligação com a área de estudos, enfrentam grande dificuldade em conciliar os estudos com o trabalho, pois o tempo para se dedicarem à leitura de textos e realização dos trabalhos acadêmicos é exíguo, o que contribui para alguns resultados insuficientes e atraso do curso.

Pode-se afirmar seguramente que estes estudantes-trabalhadores terminam excluídos; não pertencendo às inúmeras atividades que propiciam a imersão na nova cultura. Este cenário que caracteriza a permanência material e que começa a se desenhar nas Universidades Públicas Brasileiras pós-cotas faz com que estudantes negras e negros aspirantes a um diploma universitário tenham que fazer frente á inúmeras e agudas dificuldades que não podem ser desprezadas nas pesquisas e, particularmente, é a análise que buscamos empreender. É necessário estudar as experiências e as estratégias adotadas pelos atores nos Centros⁴ de ensino em que estão inseridos.

4.4 A PERMANÊNCIA SIMBÓLICA

Um grupo só pode estigmatizar outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído.(ELIAS, 2000, p.23)

⁴ As Unidades da UFRB são chamadas de Centro. Tem-se: o Centro de Formação de Professores (CFP); O Centro de Ciências da Saúde (CCS); O Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas(CCAAB); O Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas (CETEC) e o Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL).



Marx nos traz uma análise importante ao apontar para a distribuição desigual dos meios de produção e, portanto, para a distribuição desigual dos meios necessários à satisfação das necessidades materiais humanas. No item anterior trouxemos esta discussão em torno daquilo que chamamos de permanência material. Mas entendemos que as diferenças, inclusive de tratamento, nas estruturas sociais não devem ter suas análises restritas aos aspectos econômicos e por este motivo trazemos agora o conceito de permanência simbólica. E por que falarmos em permanência simbólica?

Os estudantes das classes populares que adentram à universidade, em geral o fazem de forma pioneira⁵ e os primeiros dias são de muito estranhamento àquele mundo distante e distinto do seu. Esses jovens são como *Outsiders*, ou seja, não são membros da “boa sociedade”, estão fora dela. Já os “outros” são estabelecidos, possuem uma identidade social construída a partir de uma combinação singular de tradição, autoridade e influência e fundam o seu poder, no fato de serem um modelo moral para os outros (ELIAS; 2000, p. 7).

Não podemos esquecer que a sociedade estabelece os meios de classificar as pessoas e o total de atributos considerados comuns e naturais aos membros de cada categoria social. Nos ambientes sociais também são estabelecidas as categorias de pessoas que têm probabilidade de nela serem encontradas. A entrada de um “estranho” de um outsider então, faz prever a sua identidade social (GOFFMAN, 1975) e, portanto as relações entre eles são tensas. Os recém chegados buscam tornar-se nativo, ao passo que os estabelecidos agem em prol da manutenção da estrutura e, portanto, dos diferenciais.

(...) os estabelecidos tratavam todos os recém chegados no grupo como “os de fora”. Esses próprios, recém chegados, depois de algum tempo pareciam aceitar, com uma espécie de resignação a perplexidade, a idéia de pertencerem a um grupo de menor virtude e respeitabilidade, o que só se justificava, em termos de sua conduta efetiva, no caso de uma pequena minoria. (p.20)

Estigmatizar um grupo ou afixar-lhes um rótulo de inferioridade é uma tática largamente utilizada na disputa de poder, como forma de garantir a superioridade social.

⁵ A maior parte destes jovens são os primeiros das suas famílias a ingressar em um curso superior.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

O Estigma⁶ imposto pelo grupo mais poderoso ao penetrar na auto-imagem do grupo menos poderoso, consegue enfraquecê-lo e até desarmá-lo. No ambiente educacional - e, sobretudo na universidade - esta situação não tem sido diferente:

(...) o professor não se questiona por que todos os seus escassos alunos negros se sentam na última fileira das cadeiras; por que ele nunca “ouve direito” quando eles falam e os força a repetir suas observações; por que automaticamente conta que não entenderam bem a matéria e antecipa que sua exposição não estará entre as melhores. E por que os colegas brancos do aluno também partem do mesmo princípio de que os negros não têm a mesma competência que eles? Assim surgem as fugas da sala de aula, as inaptações, os mal entendidos, os climas de desconforto e as reações psicossomáticas comuns entre os estudantes negros universitários: voz baixa, mutismo, afasia, embaraço, dislexia freqüente, irritação excessiva... Um conjunto de sintomas que desembocam muitas vezes no trancamento de matérias, desistências e finalmente, em abandono de cursos. A tudo isso, os professores brancos assistem indiferentes; ou quando chegam a perceber algum caso particular, não têm elementos analíticos socializados para equacionar a crise do aluno negro.(CARVALHO, 2002, p.96)

É esta situação de inaptação, de exclusão, de discriminação que impede a permanência simbólica dos estudantes recém ingressos na Universidade. Para reverter esta situação é necessário que as desigualdades de equilíbrio de poder sejam diminuídas e que o outsider se torne um nativo, ou um estabelecido. Como bem analisou Alain Coulon (2008) o estudante recém ingresso precisa adquirir o status de igual - o pertencimento - e para tal se faz necessário adquirir e decodificar alguns códigos dessa cultura universitária.

Entretanto, o autor questiona como adquirir tais códigos? Nós acrescentamos: como interpretar códigos que para alguns indivíduos são totalmente desconhecidos? Como

⁶ Utilizamos aqui o conceito de estigma, tal como proposto por Erving Goffman (1975), ou seja, uma relação espacial entre atributo e estereótipo.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

estes códigos serão entendidos por estudantes que por sua história de vida e de família não tiveram o capital cultural?

Perrenoud (1984), afirma que os códigos da cultura acadêmica são difusos e estão implicados na prática mais insignificante, na interação mais insignificante, no mais insignificante objeto, no mais insignificante aspecto da vida social. Deste modo, o estudante precisa participar de todas as atividades, interagir em todos os momentos, viver a universidade de forma plena a fim de adquirir estes códigos e então pertencer. Mas o que dizer então do estudante que só vive a universidade durante as aulas porque precisa trabalhar para garantir a sua subsistência e a sua permanência material? Como desvelar estes tais códigos?

Em suas análises, Carvalho (2002) nos explica que o estudante negro entra na estrutura acadêmica com uma dupla condição fragilizadora: a de irrelevância e a de carência. A primeira se deve ao fato de que grande parte dos saberes adquiridos até o vestibular perde importância, dado o caráter rarefeito do código acadêmico, avesso às convenções comunicativas próprias do vulgo “lá fora” (idem, 2002). Já a condição de carência se dá pela falta de um capital cultural incorporado (habilidades lingüísticas; postura, preferências e comportamentos ligados à cultura legítima) que serve como senha de acesso aos campos setorializados de privilégio e poder. Se o capital cultural incorporado não conta diretamente como critério de desempenho curricular, sem dúvida ele abre portas para alcançar ou se manter nas posições mais altas da estrutura social e antes que alguém argumente que esta situação também independe da cor, mas antes de uma determinada condição de classe, contrapomos com a afirmação de que para os estudantes negros esta situação é muito mais difícil, por que a academia só se enxerga branca e esta é a formação do seu quadro de professores, pesquisadores e dos estudantes escolhidos para assistentes de pesquisa, conforme nos afirma Carvalho.

Nossa academia, num país que quando interessa à elite é descrito como mestiço, se imagina européia. Tudo são imagens evocadoras do Ocidente Branco: as bibliotecas, os auditórios, as línguas de prestígio, os lugares mitificados das biografias dos grandes acadêmicos, etc. Para o universitário negro, ao stress de classe, soma-se o stress racial. (2002, p. 95)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

O que estamos apresentando aqui é o espaço acadêmico como um Campo ao estilo bourdieusiano. Ou seja, um espaço de posições sociais, no qual um bem é produzido, consumido e classificado, neste caso específico, o conhecimento. E como tal, em seu interior os indivíduos envolvidos passam a lutar pelo controle da produção e, sobretudo, pelo direito de legitimamente classificarem e hierarquizarem os bens produzidos. Ou como aponta Nogueira (2006, p. 39):

[...] cada campo de produção simbólica seria palco de disputas, entre dominantes e pretendentes – relativas aos critérios de classificação e hierarquização dos bens simbólicos produzidos e, indiretamente das pessoas e instituições que o produzem.

Vale salientar que a luta no interior desse campo não é igualitária, ou seja, por sua história alguns indivíduos e instituições já ocupam as posições dominantes e tenderão, conscientes ou não, a adotar estratégias conservadoras que visam manter a estrutura atual do campo. Outros indivíduos e instituições ocupariam posições inferiores e, por sua vez, tenderiam a adotar duas estratégias: a primeira consistiria na aceitação da estrutura hierárquica presente no campo e conseqüentemente no reconhecimento da sua suposta inferioridade; a segunda estratégia refere-se às tentativas de contestação e subversão das estruturas vigentes no campo; é o que Bourdieu chamou de movimentos heréticos.

No ambiente Universitário não parece ser diferente e mais tarde a pesquisa empírica poderá apontar quais estratégias são criadas na UFRB, pelos estudantes a fim de reivindicar para si a possibilidade de permanecer, de “fazer parte” e de ter direito à experiência universitária em todos os seus âmbitos. Será possível também, mapear todas as políticas institucionais adotadas para a garantia da permanência destes jovens. Assim como em estudo anterior (SANTOS; 2009), acreditamos que o mapeamento destas experiências poderá fornecer subsídios para a formulação de políticas públicas de boa qualidade para a população negra no ensino superior.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

REFERÊNCIAS

CARVALHO, José Jorge. Exclusão racial na universidade brasileira: um caso de ação não negativa. In: QUEIROZ, Delcele Mascarenhas de . (coord.) **O Negro na Universidade**. Programa a Cor da Bahia / Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA. Salvador: Novos Toques, n.5, 2002.

COULON, Alain. **A Condição do Estudante**: A entrada na vida universitária. Tradução de Georgina Gonçalves dos Santos, Sonia Maria Rocha Sampaio. Salvador, BA: EDUFBA, 2008. 278p

ELIAS, Nobert; SCOTSON, J. L. **Os Estabelecidos e Outsiders**: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FERREIRA, Renato. O mapa das Ações Afirmativas na Educação Superior. Fórum Latino Americano de Políticas Educativas. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

GUIMARÃES, A. S. A. A desigualdade que anula a desigualdade: notas sobre a ação afirmativa no Brasil. In. SOUZA, J. (org.) **Multiculturalismo e Racismo**: uma comparação Brasil-Estados Unidos. Brasília: Paralelo 15, 1997. (p. 233-242)

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. 1788. Versão eletrônica do livro disponível em: <http://br.egroups.com/group/acropolis/>. (acessado em junho de 2008)

LEWIS, David. **On the plurality of worlds**. Oxford: Blackwell Publishing Ltd., 1986.

MARX, Karl. ENGELS, F. **A ideologia Alemã**. Editora Martin Claret. São Paulo. 2007.

PERRENOUD, P. A FABRICAÇÃO DA EXCELÊNCIA ESCOLAR. Genève, Droz, 1984.

SANTOS, Dyane Brito Reis. **Para além das cotas**: a permanência de estudantes negros no ensino superior como política de ação afirmativa. 2009. 214f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da UFBA. Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2009.



» **XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais**

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina